

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRINDADE (GO)

TRINDADE (GO) HISTORICAL AND CULTURAL HERITAGE

Deusa Maria Rodrigues BOAVENTURA

<dmrbester@gmail.com>

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, Brasil

Docente na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Goiás, Brasil.

Professora Pós Graduação, PUC-GO.

<http://lattes.cnpq.br/4518779017675694>

<https://orcid.org/0000-0003-4580-817X>

Idaibes da Pascoa SILVA

<idaibespsilva@gmail.com>

Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Goiânia, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1268100787819983>

<https://orcid.org/0000-0002-0974>

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a preservação do patrimônio histórico-cultural de Trindade, estado de Goiás, bem como refletir sobre sua trajetória de preservação em âmbito nacional. O estudo do patrimônio histórico cultural promove a valorização e a consagração daquilo que é comum a determinado grupo social no tempo e no espaço, visto o mesmo possuir significações relevantes por ser parte de sua construção histórica cultural. Busca-se, nesse sentido, compreender como a ideia de preservação do patrimônio histórico cultural de Trindade obteve seu reconhecimento, na esfera pública do governo brasileiro. O estudo ainda, evidencia a influência que a tradição da Romaria dos Carros de Bois, patrimônio histórico imaterial nacional, exerce sobre a cultura local, estadual e nacional, pois os carreiros, por pertencerem a uma tradição e viverem, ainda na área rural, conseguem reproduzir os costumes do passado. A peregrinação que os romeiros fazem todos os anos, tem a finalidade de pagar promessas, agradecer as bênçãos recebidas e reforçar seus votos de fé. Eles mantêm a tradição da Romaria dos Carros de Bois que se perpetua por mais de 170 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio histórico; Patrimônio cultural; Preservação; Memória nacional; Trindade (GO).

ABSTRACT

This article aims to discuss the preservation of the cultural heritage of Trindade, state of Goiás, as well as reflect on its trajectory of preservation nationwide. The study of cultural historical heritage promotes the appreciation and consecration of what is common to a given social group in time and space, as it has relevant meanings for being part of its historical cultural construction. In this sense, we seek to understand how the idea of preserving Trindade's historical and cultural heritage gained recognition in the public sphere of the Brazilian government. The study also highlights the influence that the tradition of the Pilgrimage of Bois Carts, national intangible historical heritage, exerts on local, state and national culture, as the paths, because they belong to a tradition and live, even in the rural area, are able to reproduce the customs of the past. The pilgrimage that the pilgrims make every year, in order to pay promises, give thanks for the blessings received and reinforce their vows of faith. They maintain the tradition of the Pilgrimage of Ox Carts that has been perpetuated for over 170 years.

KEYWORDS: Historic heritage; Cultural heritage; Preservation; National memory; Trindade (GO).

INTRODUÇÃO

O presente artigo¹, visa compreender a preservação e valorização do patrimônio histórico-cultural material e imaterial da cidade de Trindade, estado de Goiás, bem como refletir sobre sua trajetória de preservação até chegar em âmbito nacional. O estudo objetiva, ainda, demonstrar a trajetória da Igreja Matriz de Trindade, de sua construção em 1912, até o tombamento do templo, pelo IPHAN em 2012, ano em que completou seu primeiro centenário.

Analisa-se, ainda, o papel que a Igreja Matriz de Trindade exerce sobre os devotos do Pai Eterno. Sendo assim, as ideias apresentadas ao longo deste trabalho demonstram que é necessário considerar a dimensão espacial da Igreja Matriz de Trindade, para entender suas dinâmicas de atrair romeiros, mediante ao ato de fé ao Pai Eterno. Isso ocorre, porque na cidade de Trindade é possível perceber a continuidade de uma tradição crescente da fé católica, e, por conseguinte, revisitar os aspectos culturais que dela emanam ao longo de, aproximadamente, dois séculos de devoção à Santíssima Trindade.

Para interpretar o fascínio que a Igreja Matriz de Trindade, patrimônio histórico nacional exerce sobre os fiéis, exige-se, por conseguinte, o entendimento da valorização dos símbolos, da cultura e a relação dos significados mais diversos que transformam Trindade em um lugar sagrado. Este templo apresenta características que só existem em Trindade, devido ser o único Santuário Basílica do mundo dedicado ao Pai Eterno.

Por este viés, o estudo busca fazer um recorte, tanto de formação histórica, buscando assim, compreender a origem, o desenvolvimento e a organização da Romaria do Pai Eterno de Trindade, diante a tradição e a preservação da cultura e a fé dos devotos à Santíssima Trindade.

O estudo ainda, evidencia a influência que a tradição da Romaria dos Carros de Bois, patrimônio histórico imaterial nacional, exerce sobre a cultura local, estadual e nacional, pois os

¹ Uma versão anterior deste artigo compôs parte da Dissertação de Mestrado em História, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO em 2020. Com o título: Entre a Fé e a Festa: Organização do Espaço Urbano de Trindade, sob orientação da Profa. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura (PUC-GO).

carreiros, por pertencerem a uma tradição e viverem, ainda na área rural, conseguem reproduzir os costumes do passado. Carregam influências da vida do campo e, diante das dificuldades encontradas, aumentam a devoção ao Pai Eterno.

A peregrinação que os romeiros fazem todos os anos, com a finalidade de pagar promessas, agradecer as bênçãos recebidas pelos mantimentos produzidos em roças, a cria do gado e outras atividades, reforça seus votos de fé. Eles mantêm a tradição da Romaria dos Carros de Bois que se perpetua por mais de 170 anos. O desfile foi, no início (1988), um pouco tímido, mas atualmente, reúne cerca de 300 carros-de-bois e 2.000 cavaleiros e muladeiros.

1. DEFINIÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

Ao se falar da preservação do patrimônio histórico e cultural de Trindade-GO, inicialmente é necessário compreender conceitos relativos ao uso dos espaços e sua relevância como lugares de memória, expressão utilizada para descrever certos espaços, temporalidades e determinados costumes que acabam por ser sacralizados em determinados grupos, nas sociedades urbanas e rurais. Esses lugares de memória assumem importante significado por fazerem parte da memória coletiva de determinados grupos sociais, a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo social se identifica e tenha o sentimento de pertencer e fazer parte daquele lugar, do espaço que carrega a memória, a história de todos. Segundo Sandra J. Pesavento (2003), memória, nesse sentido, é a “presentificação de uma ausência no tempo, que só se dá pela força do pensamento capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado”.

Ao admirar um espaço de importância histórica, esse espaço recorda lembranças de um passado que, mesmo distante, é capaz de compor sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser estimulada por meio de lugares, edificações, monumentos e tradições que, em sua materialidade, são capazes de fazer proclamar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma série de significados e experiências ali vividos.

A memória, comum a um grupo, é entendida como memória coletiva. Contribui, como sugere Pollak (1989), para “manter a coesão dos grupos e das instituições que juntando fragmentos e reorganizando-os”, traz desse modo, sentidos do que “cada geração reconstrói daquele passado e o sistematiza em uma narrativa” (PESAVENTO, 2003), como bem salienta:

[...] uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, descobre pais ancestrais, elege seus heróis fundadores, identifica um patrimônio, cataloga monumentos, transforma espaços em lugares com significados. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbes sonha a si mesma. (PESAVENTO, 2003, p. 61).

Essa história comum passa a pertencer a cada geração que se segue. As memórias de cada indivíduo estão fortemente ligadas às construções que sinalizam um passado comum a todos. Ecléa Bosi (1994) ressalta: “[...] cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”, e acrescenta: “As lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (BOSI, 1994). É esse espaço urbano de ruas e edificações de aspecto familiar comum a todos os cidadãos que, aparentemente, permanente, lhes dá a imagem de que tudo está tranquilo, embora a movimentação humana do cotidiano se mantenha em constante mudanças (BOSI, 1994, p. 11).

Patrimônio histórico. A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos. (BOSI, 1994, p. 26).

Para Ecléa Bosi, a noção de patrimônio deve ir além da mera concepção de ser apenas uma coleção estática de objetos, documentos e edificações, visto estar embasada em processos sociais mais amplos, envolvendo, até mesmo, a concepção de história e antropologia. Nesse sentido de questionamento, Kersten e Rubim (2001) afirmam que a antropologia auxilia, na percepção do outro, e a história permite várias e diferentes leituras de fatos e documentos. Como explica a socióloga, o patrimônio, dentro dos processos sociais, pode ser definido “como dinâmicas da experiência coletiva, sobre a qual cada grupo social manifesta o que deseja como perene e eterno” (BOSI, 1994, p. 15).

A inclinação natural do homem contemporâneo é contemplar com desapeço às edificações antigas, contemplando-as como sendo bens obsoletos e defasados, e que, em função disso, devem ser demolidos e ceder lugar a edificações mais modernas e ousadas, bem como mais úteis ao desenvolvimento da cidade. Esse tipo de pensamento provoca a impressão contrária à ideia de preservação, de valorização do patrimônio como herança histórica a ser preservada. O cuidado com os bens patrimoniais visa proteger a memória, dando importância à conjuntura e às relações sociais existentes em qualquer espaço. Não é possível preservar a memória de um povo sem que, ao mesmo tempo, se possa preservar os espaços por ele beneficiados com as demonstrações do dia-a-dia de seu existir.

A noção de patrimônio histórico, deveria lembrar as dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser mantidos na memória e preservados porque são coletivamente significativos em sua diversidade. Porém, o que ocorre, como observa a mesma autora, não é exatamente isso, pois, quando se fala em patrimônio histórico, pensa-se quase sempre em uma imagem estabilizada do passado, em algo atravessado pela sociedade, desde seus tempos mais distantes no tempo, até aos dias atuais. Costuma-se relacioná-los pela sua importância, nesse processo de constante movimento e contínua modificação.

É comum observar que muitas vezes, por motivos meramente comerciais, as pessoas preferem demolir o velho, por considerá-lo inadequado, e substituí-lo pelo moderno, pelo que é mais contemporâneo e que visa um uso prático e mais adequado às necessidades da vida moderna, sempre exigente em suas demandas. Ao historiador cabe a tarefa de recuperar essa memória, pois, a história oficial lembra-se de preservar e cultuar apenas a memória do vencedor, produzindo documentos e construindo monumentos relacionados apenas a personalidades políticas de grande destaque, cujos nomes são atribuídos a praças e ruas. Nesse sentido, a memória da nação se torna a memória do dominador e de seus feitos. É, portanto, ofício do historiador dar voz aos vencidos, não admitindo que essa rica herança da diversidade humana seja relegada ao esquecimento e silenciada pelo poder do opressor.

Nessa linha de pensamento, este artigo objetiva descrever sobre os patrimônios históricos da cidade de Trindade, estado de Goiás, localizada a 18 quilômetros de Goiânia. Embora pertencente à região metropolitana, Trindade com seus 126 mil habitantes, preserva, ainda, os costumes de uma cidade interiorana.

A cidade de Trindade abriga dois patrimônios culturais salvuardados pelo IPHAN. Um é a Matriz do Divino Pai Eterno, que é conhecida carinhosamente por “Igreja Velha” patrimônio material tombado em 24 de setembro do ano de 2014, e o outro é a Romaria de Carros de Bois, que é reconhecida como patrimônio imaterial, inscrita no livro de registros por ser referência cultural da representatividade do modo de vida rural de uma sociedade.

2. A FORMAÇÃO HISTÓRICA, RELIGIOSA E CULTURAL DE TRINDADE

A cidade de Trindade, hoje município da região metropolitana de Goiânia, capital do estado de Goiás, nasceu a partir do encontro entre a fé, devoção e crença na Santíssima Trindade. Isso fez com que a cidade ficasse conhecida como “a Capital da Fé dos goianos”, que envolve cerca de 4 milhões de devotos anualmente. São fiéis provenientes de vários estados brasileiros e, até mesmo do exterior, vêm para celebrar a festa em louvor ao Divino Pai Eterno, único Santuário Basílica do mundo dedicado ao Pai Eterno, cuja culminância da festa é, ou seja, ocorre sempre no primeiro domingo do mês de julho.

Na imagem 1, tem-se o mapa do estado de Goiás, com destaque para o município de Trindade, que tem suas origens a partir de um ato religioso de fé, iniciado desde a descoberta do “medalhão” com a imagem da Santíssima Trindade coroando a virgem Maria, ato que permanece até os tempos atuais. Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar que a história da fundação do município de Trindade surgiu desde o tempo que se configurava em um simples arraial, justamente na ocasião da decadência do ciclo do ouro em Goiás (1840), culminando com o fim da mineração. Com a escassez do ouro houve o desenvolvimento da agropecuária nos municípios goianos, dentre eles o município de Trindade. Com o declínio do ouro, as pessoas se viram obrigadas a saírem das

regiões de mineração e procurar áreas para agricultura de subsistência e, posteriormente, área comercial.

Segundo o que Jacób (2000, p. 47), descreve: “na ocasião da decadência do ciclo do ouro em Goiás, no início do século XIX, diversas pessoas ligadas ao setor acabaram se voltando para outros meios de sobrevivência”. E, foi com o intuito de buscar outros meios de sobrevivência próximos ao município de Campininha das Flores, que o casal mineiro de garimpeiros Ana Rosa e Constantino Maria Xavier se mudou para um local próximo ao córrego que daria nome de Arraial do Barro Preto, e que neste local, às margens do curso-d'água, em 1843, eles encontraram um medalhão com a ilustração da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

Figura 1 – Mapa de Goiás com destaque para Município de Trindade e de Goiânia



Fonte: SEPLAN (2003 apud REINATO, 2009, p. 317).

Para Reinato (2009), o Arraial de Barro Preto deixa de ser chamado por esse nome em 12 de março de 1909, quando é criado o distrito de Barro Preto e alterado o seu nome para Trindade.

Até o ano de 1920, Trindade era um arraial de Campininhas de Goiás, hoje um bairro de Goiânia, capital do Estado de Goiás, e era mais conhecida como Barro Preto (REINATO, 2009). Foi emancipada pela lei nº 662 de 16 de julho de 1920 (GOIÁS, 1920), e anexada a Goiânia em 1935, pelo decreto nº 327 de 02/08/1935 (GOIÁS, 1935). “Somente cerca de dez anos mais tarde conseguiu sua autonomia definitiva por decreto-lei nº 8.305 de 31/12/1943” (SANTOS, 1976, p. 23).

Os primeiros fiéis e moradores do Arraial do Barro Preto tornaram-se devotos da Santíssima Trindade, de tal maneira que, em 1854, o próprio arraial já era conhecido pelo nome de Santíssima Trindade do Barro Preto.

Nesse sentido, conforme as contribuições de Murilo Marx, em sua obra “Cidade no Brasil: terra de quem?": “Os núcleos urbanos se expressavam, grosso modo, na elevação de um arraial à freguesia, de freguesia à vila e de vila à cidade” (MARX, 1991, p. 56). Os arraiais eram considerados pequenos povoados, abrigando, na maioria das vezes, uma capela visitada esporadicamente por um sacerdote. As freguesias correspondiam às sedes de paróquia, servidas por um padre permanente.

Assim Marx (1991, p. 56) destaca:

As vilas se diferenciavam pela autonomia administrativa, ou seja, pela presença de um conselho encarregado de administrar a gestão do território sob sua jurisdição, a câmara. As cidades, por fim, possuíam as mesmas prerrogativas das vilas, sendo simbolicamente superiores por se fundarem em terrenos próprios. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as divisões políticas (vilas e cidades) e eclesíásticas (freguesias) se encontram imiscuídas, do mesmo modo em que eram confusos os poderes do Estado e os da Igreja Católica. (MARX, 1991, p. 56).

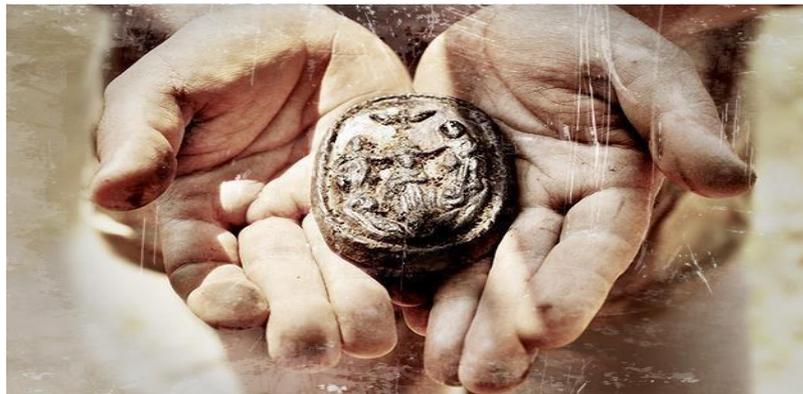
Portanto, considera-se que Trindade nasceu a partir do encontro entre a fé e a devoção, o que não deixa de ser verdade. Característica muito particular do município, a crença na Santíssima Trindade fez com que se estruturasse na cidade, o que se conhece hoje como a Capital da Fé dos goianos. Nesta premissa, a história, relata peculiaridades e curiosidades que marcaram esse desenvolvimento diante do crescimento da cidade, demonstrando, assim, a evolução dos espaços Sagrados que foram organizados em diferentes contextos da relação religiosa, socioculturais e simbólicas de fé, e da tradição de um povo.

Na ocasião, quando o senhor Constantino chegou ao local, teve que enfrentar trabalho árduo naquela região de Barro Preto. Foi trabalhando no campo que viu, ao roçar a plantação onde

trabalhava, sua enxada bater em algo sólido, rígido e bem similar a uma pedra. Retirou o objeto do solo, e, assim que ele se deu conta do que se tratava, chamou Ana Rosa e, vislumbraram, então, que aquilo não era uma pedra, mas um grande medalhão de barro, de aproximadamente 8 cm e, que havia uma imagem gravada nele. Após retirarem toda a terra que o cobria, reconheceram nele, a imagem da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora.

Como eram religiosos, levaram o medalhão para casa, e todos os dias rezava o terço a Nossa Senhora, confiando, por conseguinte, nas orações com muita fé e devoção. Foi assim, que a fama das graças recebidas começou a se espalhar pela vizinhança, fazendo aumentar cada vez mais o número de devotos e fiéis. Iniciou-se naquele singelo local, a devoção à Santíssima Trindade que teve como seu primeiro Santuário a residência do casal, como mostra o “medalhão”, estampado na figura 2, o qual foi encontrado pelo casal de agricultores.

Figura 2 – Medalhão de barro que deu origem à tradição de fé em Trindade-GO.



Fonte: MEDALHÃO... (2013).

Considerando o grande número de devotos, moradores vizinhos e familiares que passaram a se reunir para rezarem o terço, Constantino comentou o interesse em levantar um cruzeiro em frente à sua casa, tal como era costume se fazer, na época. Em bem pouco tempo, o espaço já não conseguia acolher tanta gente para a oração e foi necessário se pensar na construção de um templo maior para o exercício religioso.

Conforme Gomes (2005), isso se deu por volta de 1843, em decorrência do grande número de pessoas que procuravam aquele local. Constantino, então, construiu uma capela com

folhas de Buriti onde ficaria exposto o medalhão. Naquela ocasião, o escultor Veiga Valle², de Pirenópolis, havia produzido uma réplica maior do medalhão, esculpida toda em madeira, e que deveria ficar exposta ali na capela.

Com o fortalecimento da fé e, sentindo-se a necessidade de ampliar o espaço do templo, Constantino Xavier efetuou a doação de um terreno, nas imediações do córrego Cruz das Almas, descendo pelo córrego Barro Preto, local onde foi construído o atual “Santuário Velho” (IGREJA MATRIZ), considerado o segundo Santuário do Divino Pai Eterno, hoje conhecido como Santuário Velho ou Igreja Matriz.

A escolha do local deve corresponder à vontade de forças superiores, invisíveis, que regem a vida dos homens. Escolhido o local para ereção da capela é construída está, não ocorre mais dúvida da presença divina neste lugar. “É que, embora Deus esteja em toda a parte, há locais privilegiados em que ele se manifestou e basta que os fiéis querem comemorar tal evento para que essas lembranças efetivamente sejam preservadas no imaginário religioso”. (HALBWACHS, 1950 apud ROSENDAHL, 1999, p. 44).

Na ocasião, a Romaria continuava atraindo sempre mais e mais pessoas, até que a Capelinha de folhas não mais comportava o número de devotos que para o local se dirigia. Vale a pena dizer que, a primeira Capela ficou conhecida como “Casa de Oração”. Casa está representada aqui na figura 3, e que provavelmente, foi construída em 1843.

Portanto, devido à necessidade de ampliar o Espaço Sagrado, Constantino Maria Xavier teria construído uma segunda capela; depreende-se isso, do relato feito pelo historiador Jacob.

Para Jacob, (2000, p. 44): “a história relata peculiaridades e curiosidades, que marcaram a participação dos fiéis no templo religioso de Trindade que, no início, tinha suas celebrações, numa singela capela coberta por palhas”. A cidade necessitou passar por constantes melhorias em suas infraestruturas e instalações físicas para oferecer, o que se tem hoje, um espaço acolhedor aos romeiros

Era poético o arraialzinho do Barro Preto. Várias casinhas de folhas de Buriti. No centro está a capelinha, também de Buriti. No clarão do dia, homens na roça mulheres no trabalho doméstico. (SOUZA, 1958).

² Veiga Valle - José Joaquim da Veiga Valle, em geral conhecido simplesmente por Veiga Valle, foi um artista, escultor e dourador em Goiás, no Brasil. Sua formação artística é pouco conhecida e supõe-se que seja autodidata escultor da imagem do Divino Pai Eterno de Trindade.

Como já foi dito, a restauração da imagem ficou por conta do renomado artista José Joaquim Veiga Valle que residia, na época em Pirenópolis Veiga Valle achou por bem confeccionar uma réplica maior da Santíssima Trindade esculpida em madeira. Foi Constantino Maria Xavier quem se dirigiu a Pirenópolis (GO), a mais de 140 km de distância da atual Trindade, para encomendar uma réplica, em tamanho maior, da figura estampada no medalhão encontrado.

Figura 3 – Capela com folhas de Buriti onde ficaria exposto o medalhão (1843)



Fonte: CAPELINHA... (2016).

No entanto, em vez da réplica, o artista plástico Veiga Valle fez uma imagem de aproximadamente 30 cm, em madeira. Sem dinheiro para pagar pela maravilha da obra, Constantino deixou o próprio cavalo em troca da imagem e voltou a pé para Trindade. Foi recebido em festa por todos da cidade. Naquele momento, surgia, também, a tradição da peregrinação anual, que é preservada até a atualidade. Surgia, e, num ritmo acelerado, foi se constituindo de tal modo que hoje já ultrapassa as fronteiras brasileiras.

Com a repercussão e o aumento da devoção, as pessoas começaram a peregrinação, a Romaria dos Carros de Bois, hoje patrimônio imaterial da cultura brasileira, registrado no livro de tradições do IPHAN. Os carros de bois, à época, eram o principal meio de transporte usado na zona rural, seja para a lida diária ou para as viagens de longas distâncias. Diante deste ato de fé, origina-se a tradição da devoção ao Divino Pai Eterno materializada nas romarias dos carros de bois,

tropeiros e peregrinação, o que culmina em um grande estilo este imenso ato de fé e devoção à Santíssima Trindade.

Conforme relata padre Antônio Gomes C. Ss. R., em seu livro “O Divino Pai Eterno e o Santuário de Trindade”, em 1891: Em visita ao Distrito de Barro Preto, o bispo notou má fé e exploração dos membros da Comissão ou Irmandade do Santuário, exigindo então que prestassem contas. Depois de comprovados gastos indevidos, D. Eduardo extinguiu a comissão formada, nomeando como administrador do que hoje é a Matriz de Trindade, o padre Francisco Inácio de Sousa. (GOMES, 2005, p. 21).

Em decorrência desse episódio, somente após quatro anos em que tudo ocorreu é que os padres redentoristas vindos da Alemanha, e que haviam fixado residência em Campinas, foram ao povoado para organizar a romaria que se aproximava. Números da Igreja mostram que naquele ano (1895), houve 600 comunhões, 30 casamentos e 80 batizados, o que comprovou a necessidade de organização mediante a crescente devoção.

O crescente número de fiéis aliado à ausência de um representante da Igreja Católica, não agradou nada a Dom Eduardo Silva, bispo de Goiás, pois o bispo notara má fé e exploração dos membros da Comissão ou Irmandade do Santuário. Exigiu, então, que lhe prestassem contas. Depois de comprovados gastos indevidos, D. Eduardo extinguiu a comissão formada, nomeando como administrador do que hoje é a Matriz de Trindade, o padre Francisco Inácio de Sousa (GOMES, 2005).

Com a decisão do bispo em tomar rédeas da romaria, houve o conflito entre fazendeiros, encabeçado pelo coronel Anacleto Gonçalves, que foi o ponto de partida para o que culminou na saída dos padres do arraial em 1900. Nesse período, todos os trabalhos religiosos foram transferidos para Campinas.

A igreja foi levantada sob a direção do Missionário Redentorista Pe. Antão Jorge e, como os recursos eram escassos naquela época, a Igreja Matriz foi toda construída em adobe, uma espécie de tijolo rústico, feito da mistura de barro e palha de arroz. Em 2012, quando completou 100 anos, o Santuário foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN. Assim, a Igreja como espaço de fé, elevou sua arquitetura em estilo interiorano e, conservando o estilo de sua construção enquanto primeira Casa de Oração, incluiu o cruzeiro na Praça, como referência.

Na figura 4, fotografia de 1920, é possível analisar a Igreja Matriz como ponto principal da cidade em razão de sua edificação. A instituição é centralizada na cidade de Trindade. Observa-se que há a manutenção de seu estilo por décadas e décadas. Nela, há a entrada principal e as duas torres em destaque.

Figura 4 – Igreja Matriz de Trindade: Trindade, GO - 1920



Fonte: IGREJA... (2016).

É essencial conhecer bem o espaço anterior ao território. Os territórios formam a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um autor sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O número de fiéis que procuravam o Município de Trindade para professar a fé aumentava, consideravelmente, passando a ser visitado por Romeiros da Santíssima Trindade. A ação dos redentoristas foi decisiva na transformação da devoção da Santíssima Trindade para o Divino Pai Eterno, como se vê na ocasião da Festa que têm a sua culminância ao primeiro domingo de julho de cada ano, momento em que a cidade de Trindade se transforma para receber uma multidão de Romeiros.

3. IGREJA MATRIZ DE TRINDADE CEM ANOS DE HISTÓRIA

Desde sua inauguração em 1912 até a forma atual, a Igreja Matriz do Pai Eterno de Trindade passou por inúmeras reformas. Inclusive, atualmente, está sendo restaurada a viga de sustentação das torres, que pela ação dos cupins foram danificadas ao longo dos tempos. A maioria dos reparos na Igreja aparece sem alterações significativas em sua estrutura básica. A modificação mais significativa foi a remoção das paredes que circundavam o presbitério na parte interna. Em 1958, teve início a primeira restauração, que foi administrada e supervisionada pelo padre Renato de Ferreira, quando as janelas foram substituídas por vitrôs e o piso assoalho, por granitina. Além desses reparos houve a mudança da fachada. O local perdeu um pouco de suas características originais e foi reaberto em dezembro de 1960. Em face do tombamento como Patrimônio Histórico de Goiás em 13 de outubro do ano de 1980, ficou assegurado, constitucionalmente, que a igreja poderia ser ressarcida pelo Estado em razão de qualquer necessidade de alteração estrutural. Dessa forma, em 1984 foi realizada uma restauração a fim de ressaltar as características originais de 1912, mas também, evitar o desmoronamento notificado como ameaça de ocorrer nesse período. No ano de 2001, foram removidas quatorze pinturas da igreja, com a justificativa de não fazerem parte da estrutura original da igreja, conforme documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Passou por modificações novamente no ano de 2010, quando foi realizada a revitalização da cobertura deteriorada pela ação de fenômenos naturais. A presença de goteiras gerava a infiltração nas paredes. Neste trabalho, chapas de zinco das duas torres, calhas e rufos foram trocados. A igreja foi reaberta ao público em 15 de abril do ano de 2011. No final de 2013, a Igreja Matriz passou por mais uma modificação, no sentido de substituir a cor do marrom para a azul, a reforma foi feita em comemoração ao centenário da igreja. Foram mantidos a arquitetura e o estilo original, sendo estes, no entanto, substituídos apenas em alguns materiais desgastados pelo tempo.

A nossa intenção sempre foi preservar esse patrimônio para que todos conheçam a nossa história. Quem tem história tem vida, tem presente, tem futuro. Então nós precisamos preservar a nossa história e fazer valer todo momento, cada romeiro que passou por aqui, cada padre e sacerdote que celebrou sua fé nesta Casa e deu sua contribuição para essa Igreja, para essa devoção. (Informação verbal)³.

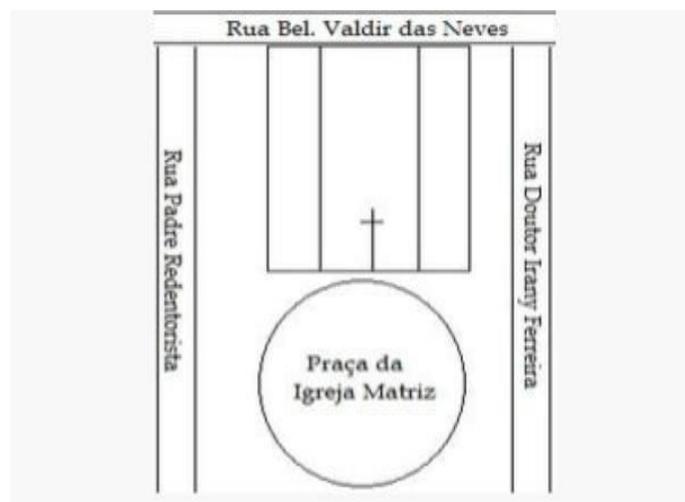
A Igreja Matriz de Trindade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 24 de setembro do ano de 2014, como patrimônio material. Anteriormente,

³ Fala do Pe. Marco Aurélio, no ato solene do tombamento pelo IPHAN, em 24/09/2014. Fonte: áudio do arquivo da Igreja Matriz.

a Igreja Matriz do Divino Pai Eterno de Trindade já havia sido reconhecida na mesma categoria pelo estado de Goiás, ao lado de outras Igrejas de Goiás, Jaraguá e Pirenópolis. O processo responsável pelo tombamento a nível nacional foi arquivado pela instituição governamental pelo nº. 1656, o qual foi aceito de forma unânime pelos jurados do IPHAN, sob a alegação do "seu elevado valor histórico".

A Igreja Matriz do Divino Pai Eterno de Trindade, conforme figura 05, está localizada na Praça do Santuário, na mesma área em que os garimpeiros Ana Rosa e Constantino Maria Xavier expuseram o medalhão encontrado à disposição dos fiéis que desejassem expressar sua fé. O santuário velho está localizado entre a Rua Padre Redentorista e a Rua Doutor Irany Ferreira, no bairro Vila Santa Inês; por detrás, ainda corta a Rua Bacharel Valdir José das Neves. A igreja matriz tem a fachada simétrica e idêntica tanto vista pela praça quanto pela rua que passa por detrás dela, e, além disso, há duas entradas principais. Existem, ainda, outras seis fachadas nas alas laterais, sendo três em cada lado, como mostra a figura 5:

Figura 5 – Representação da localização da Igreja Matriz de Trindade



Fonte: Moura (2016).

O calçamento atual, tanto o que há no adro da igreja e o que existe à beira de suas paredes, é feito de paralelepípedos. A calçada, ao nível da rua, possui calçamento de ladrilho hidráulico, assim como a praça onde se localiza a Matriz velha. De frente à porta principal, há uma

escultura do padre Antão Jorge e uma placa em referência ao padre Renato de Ferreira, o qual conduziu e supervisionou a primeira restauração.

Ainda é possível observar os sinos e o relógio, os quais aludem ao trabalho dos missionários redentoristas de Baviera, Alemanha. A Igreja é formada pela nave, o cortavento, a ilustração de Jesus Cristo crucificado, a balaustrada, altares lateral esquerdo e direito, o altar-mor da capela-mor e o púlpito. Há duas torres na face exterior, com uma cúpula piramidal em que existe um cruzeiro (uma cruz latina de madeira).

A nave da Igreja Matriz é única e nas paredes há a ilustração de Jesus Cristo crucificado. O piso é de madeira e tem níveis: o da entrada, mais baixo, ocupado pelas fiéis e o mais alto, junto ao altar, reservado para o sacerdote. A partir da entrada existe um coro de madeira, que disponibiliza, a partir da nave, uma porta a oeste e outra a leste, e nas paredes laterais do corpo sobressaem quatro janelas em conjunto a parapeitos falsos e baldaquinos. Estas são janelas guilhotina, pintadas de azul, possuindo caixilho em aro de madeira com verga reta.

O forro da nave é do tipo acústico, com as tábuas lisas pintadas de branco. No telhado, encontram-se dois tirantes grossos de madeira, os quais servem para garantir o travamento da cobertura, a fim de evitar o afastamento das paredes altas do corpo da igreja. Também, acessível à nave, há dois púlpitos nas alas laterais.

O altar-mor é o altar principal da igreja, localizado em ponto oposto à entrada principal; portanto, é o destaque do templo. Nele, observa-se uma constituição semelhante à da nave, com tijolos e estruturas de madeira, a exemplo do piso. Há, no centro, uma torre que concentra um conjunto de rosas e margaridas e, acima, há uma imagem luminosa do Divino Pai Eterno, figura principal de devoção dos fiéis que visitam a Igreja Matriz de Trindade. À esquerda, presencia-se uma torre com a ilustração da Virgem Maria e, à direita, outra torre com a ilustração de São José.

Defronte ao altar-mor, localiza-se, em elevação, um púlpito onde o sacerdote discursa e expressa os sermões. Ele apresenta tonalidade marrom com detalhes dourados; há um cruzeiro, flores ao redor e um cálice acima do púlpito. Existem três portas, duas à esquerda e uma à direita, ligando o altar-mor ao presbitério.

A Igreja possui duas alas laterais. Na ala direita, há o batistério e uma escada que liga ao espaço dos sinos. Na ala esquerda, o confessionário é uma pintura de 1921 do padre João Baptista,

que alude à planta da Igreja, feita pelo alemão Max Schmalz. Diversos outros objetos já estavam expostos nas alas laterais, porém, foram retirados e preservados em um museu da cidade. Dentre estes objetos, estavam animais empalhados, troféus, uniformes militares, estátuas e amuletos.

A Igreja Matriz do Divino Pai Eterno é a mais antiga Igreja ainda de pé em Trindade. Ela é uma testemunha do crescimento vertiginoso do município que, em razão da romaria e da posição estratégica que ocupa, foi favorecendo o crescimento da cidade.

A igreja se tornou o principal foco da Festa do Divino Pai Eterno até 1943, quando teve início a construção do Santuário do Divino Pai Eterno, às ordens de D. Emanuel Gomes de Oliveira, a fim de possibilitar a reunião dos turistas em um local maior e mais representativo. O evento, considerado o maior da Região Centro-Oeste e o segundo maior do Brasil, ocorre anualmente no final de junho e início de julho, durante dez dias, mobilizando os habitantes de Trindade e das cidades vizinhas e de outras regiões.

Atualmente, a Igreja Matriz de Trindade, figura 6, ainda permanece sendo um atrativo turístico, principalmente durante a festa, com a ocorrência de diversas celebrações nos dias da romaria, tais como: novenas e procissões. Em 2019, o município foi anfitrião de 3,2 milhões de fiéis.

Figura 6 – Matriz de Trindade



Fonte: Arquivo da Igreja Matriz.

4. ROMARIA DE CARRO DE BOIS DE TRINDADE - PATRIMÔNIO NACIONAL

A prática da romaria de carro de bois para a festa de Trindade acontece, também, no ambiente urbano. As devoções e as tradições do catolicismo da festa de Trindade, em louvor ao Pai Eterno, estão marcadas pela ruralidade expressa no apego à tradição, à família, à comunidade, aos animais e, à terra, de modo geral.

Em Trindade os romeiros de diversos estados a organizam por um longo espaço de tempo, preparam seus carros, sua bagagem e fazem suas economias, a fim de estarem presentes nesse grande evento. Nos últimos anos, tem acontecido também, o Festival de Carro de Boi, com destaque para a participação de algumas cidades como: Mossâmedes, Americano do Brasil, Anicuns, Itaberaí, Inhumas, Petrolina, Nova Veneza, Ouro Verde, entre outras. (GOMES, 2005, p. 64).

Figura 7 – Foto do Memorial do Carreiro em Trindade, 07/12/2019



Fonte: Produzida pelos autores.

Os valores da ruralidade enraizados em mais de um século de história goiana são o que impulsiona os romeiros de carro de bois a fazerem a mesma romaria todos os anos. Na imagem de nº 7 tem-se uma pequena mostra dessa atividade. Aspectos típicos do urbano como: a centralidade do indivíduo, a secularização, a racionalização burocrática, o afrouxamento dos laços familiares, a

fragilidade da comunidade interage de forma complexa com aspectos típicos das ruralidades presentes, no mundo urbano.

A fé marca a relação do romeiro de carro de boi, considerando o ato como espaço de vivência intensa dessa relação de fé, em grande número de pedidos e agradecimentos ao Pai Eterno. Partilha da mesma memória histórica, mostrando que existe uma identidade social considerada fundamental para que não se deixe perder o sentido da tradição e da fé. Nesse sentido, o processo de tradição à passagem do tempo e as experiências acumuladas formam o que chamamos de memória social. Estas memórias, embora tenham o reflexo da modernidade, permitem que a história antiga se repita com os mesmos atos de devoção, tornando uma tradição que vai passando de geração em geração e, assim, é preservada até os dias atuais. Prova disso, temos o desfile anual dos carreiros.

O desfile anual dos carreiros está diretamente ligado à tradição e à fé no Divino Pai Eterno. Tímido no início do ano de 1988, o evento reúne no ano de 2018, cerca de 300 carros-de-boi e 2.000 cavaleiros e muladeiros. Devido a este crescimento significativo, a prefeitura construiu em anexo o Parque Municipal o “Carreiródromo Ada Cirá” capaz de receber com conforto e mais comodidade tanto os que participam diretamente do encontro quanto aos que assistem à apresentação. (SANTOS, 1992, p. 30).

Os carreiros por pertencerem a uma tradição e viverem, ainda na área rural, conseguem reproduzir os costumes do passado e carregar influências da vida do campo. Eles, mesmo estando diante das dificuldades encontradas no dia a dia de seu ofício rural, aumentam a devoção, nesse fazer-se em peregrinação para pagar promessas, agradecer as bênçãos recebidas e reforçar seus votos de fé, revigorando-se a cada celebração de fé. Demonstram fé ao Pai Eterno. Agradecem ao Pai pelos mantimentos produzidos. Assim, na estrada, os participantes passam dias e dias caminhando e viajando em grupos sempre movidos pela fé ao Divino Pai Eterno. De pouso em pouso eles renovam as forças e seguem até Trindade para o tradicional desfile, que atrai muitos romeiros. O desfile é proporcionado pela chegada de diversas comitivas que saem das cidades do interior para o evento.

Diante das inovações, existem aqueles indivíduos que preferem manter-se fiéis à tradição. Na maioria dos casos, o desfile é algo de família, e mexe muito com a emoção de quem

passa por ali. Das arquibancadas, amigos, parentes, devotos e curiosos acompanham o desfile. A passagem dos carros é um momento de ouro para os carreiros. Cada um tem o nome chamado, sendo alguns com direito a versos rimados pelo narrador.

A cada ano, as celebrações ao Divino Pai Eterno ganham inovações e, pouco a pouco, elas vão sendo mais organizadas e participativas. A Romaria dos Carreiros tem conquistado o gosto das pessoas que visitam o Santuário do Pai Eterno, seja no período da Festa seja em outras épocas do ano. A romaria é organizada pelos romeiros de diversas partes de Goiás, eles a organizam por um longo espaço de tempo. Preparam seus carros, suas bagagens e fazem suas economias para o evento religioso da região Centro Oeste. Na figura 8 tem-se mais um exemplo desse ato de fé, memória e cultura.

Figura 8 – Foto Desfile dos Carreiros



Fonte: Acervo TV Anhanguera (2018).

Além de reunir centenas de carros-de-bois, o desfile premia os mais chamativos, o que motiva: carreiros e familiares a dar uma atenção especial aos veículos e animais que o tracionam. O desfile anual dos carreiros está diretamente ligado à tradição e à fé no Divino Pai Eterno. Tímido, no início (1988), o evento reúne, atualmente, cerca de 300 carros-de-bois e 2.000 cavaleiros e

muladeiros. A imagem 8, acervo da TV Anhanguera 2018, contempla e documenta a memória da Igreja Matriz de Trindade ou “Santuário Velho”, e a passagem dos Carros de Bois pela Rua Padre Redentorista, ambos patrimônios nacionais tombados e registrados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A romaria de carros de boi de Trindade é uma prática religiosa da ruralidade que vai de encontro à modernidade. A ruralidade característica do grupo de romeiros-carreiros está na contramão da modernidade. Para os romeiros-carreiros que se reúnem nos encontros programados e, na romaria rumo à festa de Trindade, a participação no grupo é uma experiência de comunidade e perpetuação da tradição e cultura de um povo e de voto ao Pai Eterno.

A Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, em Goiás, foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, em 2016, e inscrita no Livro de Registro das Celebrações. A culminância da Romaria é em Trindade, mas os devotos saem de diversas cidades de Goiás e de estados próximos, do Centro-Oeste e do Sudeste. Desde o século XIX, sabe-se que milhões de devotos vêm participando da Festa que acontece, anualmente, na cidade.

A identidade cultural de um povo, muitas vezes, está ligada à sua crença e, principalmente, à simbologia que envolve a tradição das práticas e celebrações religiosas. A devoção ao Divino Pai Eterno, em Trindade, começou por volta de 1840, quando um casal encontrou um medalhão entalhado com a imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Desde então, muitas pessoas peregrinam até a região. Esta prática é, por conseguinte, caracterizada como prática inserida no catolicismo popular.

Os preparos para a Tradicional Romaria de Trindade, no decorrer do ano, envolvem diversas atividades, como os reparos eventuais nos carros de bois, o adestramento dos bois, a preparação dos mantimentos que serão consumidos no percurso e os que serão ofertados na Vila São Bento Cotelengo. Há, ainda, o preparo dos alimentos que serão vendidos durante o trajeto a outros colegas carreiros em romaria. Durante o percurso da Romaria, dos carreiros, candeeiros e os demais participantes das comitivas se colocam na posição de herdeiros, guardiões e transmissores de costumes da vida rural. Esta vem sofrendo profundas mudanças, e, nas últimas décadas, isso tem sido mais acentuado ainda, pois, com o advento das tecnologias a modernização avança num ritmo

acelerado tanto no meio rural, quanto no espaço da fé. Por isso, as pessoas ao usarem um meio de transporte tido por anacrônico na atualidade, rememoram os tempos dos seus antepassados e, até mesmo, o da infância. Reconstroem, ano após ano, a tradição da vida rural e das devoções, perpetuando a memória de um povo.

É isso. A Festa de Trindade tem o caráter de festa de romaria. Brandão (2004), ao analisar as festas de santos, nas comunidades rurais do Centro-Oeste, em especial o trabalho feito sobre a Festa ao Pai Eterno, compreende que essas situações rituais carregam um maior peso de aflição, “uma esperança de uma solução para a aflição” que pode estar relacionada a problemas de saúde, de relacionamento interpessoal ou a problemas sociais como desemprego, moradia, etc. (BRANDÃO, 2004, p. 131).

A peregrinação engloba também formas de sociabilidades específicas desses momentos extraordinários. O sacrifício possui como um caráter essencial a perfeita continuidade que nele se requer. A partir do momento em que é iniciado, deve continuar até o fim sem interrupção e na ordem do ritual. (HUBERT; MAUSS, 2001, p. 166).

Uma vez que Trindade não é somente uma cidade da fé. Mas também um patrimônio cultural e social. Em que as manifestações transmitem a cultura do povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a necessidade de preservação do patrimônio cultural histórico de Trindade e seu devido reconhecimento, no âmbito nacional, pelo IPHAN. A pesquisa passou uma longa trajetória, percorrendo desde os primórdios da primeira Igreja construída por Constantino Xavier e sua esposa Ana Rosa, até a consagração da fé ao Pai Eterno, como de importância salutar para a sociedade trindadense, goiana e brasileira. Com a alteração do conceito de patrimônio cultural nas dimensões mais amplas, surgiu a necessidade de se preservar não apenas a Igreja Matriz, tida como de valor histórico, mas a diversidade de manifestações culturais que se mostram presentes, na sociedade trindadense, como a romaria dos Carros de Bois.

Essa nova forma de preservação do patrimônio cultural e sua repercussão nos organismos nacionais por meio do IPHAN, possibilitou uma maior abrangência em sua esfera de atuação, permitindo, assim, ampliar a valorização e a preservação das mais variadas manifestações culturais na sociedade de Trindade. Dentre estas manifestações estão: a Romaria dos Carros de Bois que teve o seu reconhecimento como patrimônio imaterial; a valorização dos cavaleiros e muladeiros; a Via Sacra; a Rodovia dos Romeiros e a Igreja do Redentorista Padre Pelágio.

Trindade surpreende e emociona pela riqueza do patrimônio histórico e cultural da Igreja Matriz ou Santuário Velho, contemplando o desfile dos carros de bois que, anualmente reúne mais de trezentos carros, no desfile do Carreiródromo Municipal Ada Cira. Trindade é patrimônio histórico e cultural da Igreja Matriz ou Santuário Velho, cidade da fé.

Neste estudo, considerou-se, o que reza a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2020), em seus artigos 215 e 216, por ela ampliar a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Também, por estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário além do Tombamento instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937 (BRASIL, 1937). Este é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Casa Civil, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Diário Oficial da União, Brasília, DF*, 6 dez. 1937.

CAPELINHA de folhas de Buriti em 1840. *Wikipedia*, 2016. 1 foto, color, 590 × 390 píxeles, 99 KB. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capelinha_de_folhas_de_Buriti_em_1840.jpg. Acesso em:

05 jun. 2021.

GOMES, Antonio. *O Divino Pai Eterno e o Santuário de Trindade*. Várzea Paulista: Editora CPP, 2005.

IGREJA Matriz de Trindade em 1920. Wikipedia, 2016. 1 foto, p&b, 590 x 390 píxeles, 87 KB. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_Matriz_de_Trindade_em_1920.jpg. Acesso em: 05 jun. 2021.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática, 1994.

JACOB, Amir Salomão. *A Santíssima Trindade do Barro Preto: história da romaria de Trindade*. Goiânia: PUC - Goiás, 2000.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade; RUBIM, Christina de Rezende. *Memórias vívidas, imagens compartilhadas*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2001.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Nobel; EDUSP, 1991.

MEDALHÃO do Divino Pai Eterno. Wikipedia, 2016. 1 foto, color, 630 x 420 pixels, 306 KB. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Medalh%C3%A3o_do_Divino_Pai_Eterno.jpg. Acesso em: 05 jun. 2021.

MOURA, Guilherme. Mapa da Igreja Matriz de Trindade. Wikipedia, 2016. 1 imagem, p&b, 245 x 343 pixels, 10 KB. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_da_Igreja_Matriz_de_Trindade.png. Acesso em: 05 jun. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. v. 1. 130 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REINATO, Eduardo José. Imaginário religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade - GO. *História: debates e tendências*, v. 9, n. 2, p. 314-331, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2966/2013>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ; NEPC, 1999.

SANTOS, Paulo. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Trindade de Goiás: uma cidade santuário -*

conjunturas de um fenômeno religioso no centro-oeste brasileiro. Dissertação (Mestrado) - UFG, Goiânia, 1976.

SOUZA, João Cardoso. *Revista Santuário de Trindade*, Trindade, GO, n. 32, 29 jun. 1958



Submissão: 21 de julho de 2020
Avaliações concluídas: 22 de dezembro de 2020
Aprovação: 24 de fevereiro de 2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues; SILVA, Idaibes da Páscoa. Patrimônio histórico e cultural de Trindade (GO). *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 21, n.1, p. 1-25, e-210111, jan./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>